

ENTRE O RETRATO DO VELHO OUTRA VEZ E O SORRISO DO AMANTE: O BRASIL DE CARLOS LACERDA E DA PRIMEIRA TRADUÇÃO DE MARÍA LUISA BOMBAL

Andrea Cristiane KAHMANN

RESUMO: María Luisa Bombal costuma ser associada à Buenos Aires da década de 1930, seja pelas duas novelas que publicou ou pelo seletivo círculo de escritores, artistas e intelectuais com os quais conviveu na capital portenha. Escrita sobre a mesma mesa e enquanto o compatriota Neruda compunha *Residencia en la tierra* (GUERRA, 1996), sua primeira novela, *La última niebla* (1934), influenciaria a *Comala* de Juan Rulfo (VERDUGO FUENTES, 2013) e abriria caminhos para o realismo mágico. Apesar disso, foi por meio de uma falsa autotradução para o inglês (*House of mist*, 1947), feita com a ajuda do marido e pensada para o cinema, que Bombal ingressou em tradução no sistema brasileiro. O flerte da Paramount com esta obra, amplamente noticiado em jornais brasileiros da época, possivelmente tenha sido a grande motivação para o empreendimento sob o selo da Irmãos Pongetti, a mesma que editara em livros os fenômenos *È o vento levou* e *Por quem os sinos dobram* em traduções de Francisca de Bastos Cordeiro (HALLEWELL, 2012). Contudo, importa observar o escolhido para estampar como tradutor da obra que, entre nós, receberia o título de *Entre a vida e o sonho*: ninguém menos que Carlos Lacerda! Num Brasil em que se armava o retorno de Getúlio Vargas pelo voto do povo (o que efetivamente aconteceu em 1950, entoando o jingle “bota o retrato do velho outra vez, bota no mesmo lugar”), chama atenção que o mais feroz combatente do ex-ditador estadonovista se tenha dedicado a trazer para o português os delírios de uma personagem que, não obstante se ter casado por amor com um homem de posses, ardia em desejos por um *bon vivant* que lhe apresentara a champanhe, a dança e o gozo. Naqueles tempos, Carlos Lacerda já era vereador pela UDN, partido ultraconservador, e convertido ao catolicismo, ao que se dedicou com fervor. Sobrevivente de dois atentados até então, Lacerda conciliaria essa tradução com a redação da coluna *Tribuna da Imprensa*, publicada no *Correio da Manhã*, na qual blasfemava contra o comunismo, os “nacionalistas do bananismo” e os entraves para o capital estrangeiro. As perguntas que se impõem a este trabalho são: por que Lacerda traduzia? E por que ele traduziu esta obra de María Luisa Bombal? Pensando com Lieven D’hulst (*Why and How to Write Translation Histories?*) que é preciso procurar respostas para “quem ajuda?” e “por quê?” nos estudos de história / historiografia da tradução, este trabalho pretende, a partir deste caso específico, refletir sobre o lugar da tradução na história do Brasil enquanto analisa o próprio Brasil (“onde?”) de Carlos Lacerda (“quem?”), tradutor de *Entre a vida e o sonho* (“o que?”), de María Luisa Bombal, entre 1947 e 1949 (“quando?”). Para responder a essas questões, além da pesquisa bibliográfica, este trabalho lança mão de consultas a jornais e revistas disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira e, bem assim, a entrevistas disponíveis em fontes esparsas na internet e estatísticas disponíveis no site da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Trata-se, portanto, de uma abordagem transdisciplinar. Embora dialogue com a tese “O Brasil lê María Luisa Bombal: o sistema e suas traduções”, por mim defendida no início deste ano de 2017 para obtenção do título de doutora pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o trabalho que ora se apresenta difere por ser menos focado na análise textual (o resultado do processo de tradução) e mais especulativo a respeito do sistema (conforme Lefevere) que recebeu a tradução e das normas (conforme Hermans) que a moldaram. Trata-se, por fim, de uma análise sobre o papel e o poder simbólico (conforme Bourdieu) desempenhado pela tradução na trajetória de um político com aspirações de chegar à Presidência da República.

Palavras-chave: História / historiografia da tradução, história do Brasil e da tradução no Brasil; Carlos Lacerda

ABSTRACT: *María Luisa Bombal is usually associated with the Buenos Aires of the 1930s, either by the two novels she published or by the select circle of writers, artists and intellectuals with whom she lived in the capital of Argentina. Written on the same table and while her compatriot Neruda was composing *Residencia en la Tierra* (GUERRA, 1996), her first novel, *La Última Niebla* (1934), would influence Juan Rulfo's *Comala* (VERDUGO FUENTES, 2013) and open the way to magic realism. Despite this, it was through a false self-translation to English (*House of mist*, 1947), made with the help of her husband and thought for the movies, that Bombal joined a translation into the Brazilian system. Paramount's flirtation with this work, widely reported in Brazilian newspapers of the time, may have been the great motivation for the venture under the label of Irmãos Pongetti, the same publisher that published in books the phenomena *Gone with the Wind* and *For Whom the Bells Tolls* in translations of *Francisca de Bastos Cordeiro* (HALLEWELL, 2012). However, it is important to note who was chosen to translate the work, which, in Brazil, would receive the title of *Entre a vida e o sonho*: none other than Carlos Lacerda! At this time, Brazil was a country where Getúlio Vargas's return was planned through the people's vote (which actually happened in 1950, singing the jingle "Put the old man's picture again, put it in the same place"), it is striking that the fiercest fighter against the former dictator of the Estado Novo regime has dedicated himself to bringing to Portuguese the delusions of a character who, despite having married for love with a man of possessions, burned in desires for a bon viveur who presented to her champagne, dance and pleasure. In those days, Carlos Lacerda was already a councilman for the ultraconservative party UDN, and converted to Catholicism, to which he dedicated himself with fervor. Survivor of two attacks until then, Lacerda would reconcile this translation with the writing of the *Tribuna da Imprensa* column, published in the *Correio da Manhã* newspaper, in which he blasphemed against communism, the "nationalists of bananism" and the obstacles to foreign capital. The questions that prevail in this work are: Why did Lacerda translate? And why did he translate this work of María Luisa Bombal? Thinking with Lieven D'hulst (*Why and How to Write Translation Histories?*) that it is necessary to seek answers for "who helps?" and "why?" in the studies of the history / historiography of the translation, this paper intends, from this specific case, to reflect on the place of the translation in the history of Brazil while analyzing Brazil itself ("where?") of Carlos Lacerda ("who?"), the translator of *Entre a vida e o sonho* ("what?"), of María Luisa Bombal, between 1947 and 1949 ("when?"). To answer these questions, in addition to the bibliographical research, this work investigates newspapers and magazines available in the Brazilian Digital Newspaper Library and also interviews available in sparse sources on the Internet and statistics available on the website of the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE). It is therefore a transdisciplinary approach. Although it talks with the thesis "Brazil reads María Luisa Bombal: the system and its translations", which I defended at the beginning of this year of 2017 to obtain a doctoral degree from the Federal University of Rio Grande do Sul, the present work differs because it is less focused on the textual analysis (the result of the translation process) and more speculative about the system (according to Lefevere) that received the translation and the norms (according to Hermans) that shaped it. Finally, it is an analysis of the role and the symbolic power (according to Bourdieu) played by the translation in the trajectory of a politician with aspirations to reach the Presidency of the Republic.*

Keywords: *History / historiography of the translation, history of Brazil and the translation in Brazil; Carlos Lacerda.*

María Luisa Bombal Anthes nasceu em Viña del Mar, estudou na França, adoeceu de paixão por Eulogio Sánchez, em Santiago e, depois de tentar suicídio, partiu sob apelos e acolhida de Pablo Neruda para a efervescente Buenos Aires da década de 1930, onde conheceu Luigi Pirandello, Adolfo Bioy Casares, Victoria Ocampo, Amado Alonso, Macedonio Fernández, Alfonsina Storni e Federico García Lorca, que então se apresentava na capital portenha com montagem do artista plástico Jorge Larco, que veio a ser o primeiro marido de María Luisa e por meio de quem ela conheceu os mais destacados pintores argentinos da época (BOMBAL, 1996, p. 330). Ali conheceu também Jorge Luis Borges (a quem ela chamava simplesmente *Georgie*, tal qual a mãe do escritor), com o qual costumava

caminhar, trocando impressões sobre literatura, cinema e restaurantes onde se tocavam bons tangos (BOMBAL, 1996, p. 331). Em Buenos Aires, a chilena escreveria e publicaria *La última niebla* (1934) e *La amortajada* (1938), duas novelas que abririam caminhos para o realismo mágico e levaria Carlos Fuentes sobre ela afirmar: María Luisa Bombal é “mãe de todos nós”, escritores latino-americanos.

Ainda que tenha falecido aos setenta anos e começado a publicar muito jovem, todo inventário da literatura da María Luisa Bombal publicada em espanhol resume-se às duas novelas já citadas e mais cinco contos e três crônicas, compilados por Lucía Guerra em *Obras completas*, de 1996, edição que inclui cartas, discursos, entrevistas e outros escritos não literários de Bombal. Na introdução às *Obras Completas*, Lucía Guerra compara-a ao mexicano Juan Rulfo:

No caso de ambos os escritores, uma primeira novela de extensão muito breve (*A última névoa, Pedro Páramo*) produz uma ruptura nos formatos tradicionais, abrindo os umbrais de uma escritura que revoluciona o gênero narrativo. E, num ato de traição às expectativas do público e da crítica, essa primeira novela foi seguida por uma obra enxuta, de pouco mais de cem páginas, que mantém sua marca renovadora. Bombal e Rulfo são, em nossa literatura, centelhas que se entrecruzam num território ainda por analisar (In: BOMBAL, 1996, p. 7.)⁵⁹

A própria María Luisa reconheceria e se divertiria com a alcunha de escritora fugaz. Em seus *Testimonios* à Lucía Guerra, comentou: “me comparam a Rimbaud, e eu me sinto honradíssima, mas me comparam pelo lado ruim (risos), porque Rimbaud escreveu e depois *plaft!* desapareceu” (BOMBAL, 1996, p. 324).⁶⁰

No entanto, esta é uma verdade *a medias*: a María Luisa da década de 1930, da capital portenha, das novelas flamantes e do flerte com o surrealismo, desapareceu rapidamente. A essa, porém, seguiu-se outra: a María Luisa norte-americana, da qual pouco se fala na crítica literária latino-americana talvez pelo idioma em que passou a publicar (o inglês), talvez pelo público de “massa” que passou a pretender atingir, ou ainda pelos inusitados motivos de seu “desaparecimento” do Chile. Em janeiro de 1941, ela disparou (e errou) três tiros contra Eulogio Sánchez, o homem por quem, anos antes, tentara acabar com a própria vida. O fato não passou despercebido pela imprensa brasileira. Mesmo que sua obra não tivesse ainda recebido tradução, o *Correio da Manhã*⁶¹ de 28 de janeiro de 1941 noticiaria:

NO EXTERIOR

UM CRIME SENSACIONAL NA CAPITAL CHILENA

Santiago do Chile, 27 (U. P.) – A famosa escriptora Maria Luisa Bombal deu hoje quatro tiros de revolver no “general” Eulogio Sanchez Errazurir, fundador da Milícia Republicana e conhecido engenheiro.

A victima foi atingida no peito e no estomago.

O crime teve logar na esquina formada pelas ruas Augustinas e Banderas.

⁵⁹ Tradução minha do trecho: “En el caso de ambos escritores, una primera novela de muy breve extensión (*La última niebla, Pedro Páramo*) produce un quiebre en los formatos tradicionales, abriendo los umbrales de una escritura que revoluciona el género novelístico. Y, en un acto de traición a las expectativas del público y de la crítica, a esta primera novela le sigue una obra escueta, de poco más de cien páginas, que mantiene su impronta renovadora. Bombal y Rulfo son, en nuestra literatura, destellos que se entrecruzan en un territorio aún por analizar”.

⁶⁰ Tradução minha ao trecho: “A mí me comparan con Rimbaud y yo me siento halagadísima, pero me comparan en la parte mala (ríe), porque Rimbaud escribió y después ¡plaa! desapareció”.

⁶¹ Conforme consulta à Hemeroteca Digital Brasileira (disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>) como todas as demais referências a jornais e periódicos que serão feitas ao longo deste trabalho.

Descontados os equívocos em relação à quantidade de tiros, foi por causa deles que María Luisa, por primeira vez, estampou manchetes no Brasil. Apesar disso, Eulogio Sánchez decidiu não representar contra a escritora e muitos amigos intercederam por ela junto ao governo chileno, sobretudo Pablo Neruda e Gabriela Mistral (VERDUGO FUENTES, 2013, posição 1343 / 1882). Assim, a tentativa de homicídio acabou sendo transformada em “estado de exaltação nervosa” e internação clínica. Tendo recebido alta em 4 de abril, seguiu respondendo a processo penal até ser absolvida em 21 de outubro de 1941 (GUERRA, 2012, posição 297 – 298 / 3443). Em 1942, partiu aos Estados Unidos, onde três décadas de autoexílio a esperavam para exorcizar esses fantasmas.

Verdugo Fuentes (2013, posição 1416 / 1882), depois de elencar a produção da chilena em língua espanhola, completaria: formalmente, encerra a obra literária criada por María Luisa Bombal uma novela originalmente escrita em inglês e publicada em 1947 sob o título *House of mist*. Essa obra foi, por muitos anos, enquadrada como uma tradução; por isso, não integraria as *Obras completas* compiladas por Lucía Guerra (quem bem deveria acrescentar ao título: *Obras completas... em espanhol*). Talvez a própria María Luisa não soubesse exatamente como categorizar seus escritos em inglês, de modo que, em discurso à *Academia Chilena de Lengua*, em 22 de setembro de 1977, afirmaria: “O êxito de crítica e de público leitor que tinha obtido me animou a **traduzir-me** a mim mesma do espanhol para o inglês” (BOMBAL, 1996, p. 316 – o grifo é meu).⁶² Mas, no mesmo evento, referiria-se a *House of mist* como uma nova versão, não uma tradução:

Escrevi em inglês uma nova versão da minha *Última névoa* – é outra novela, eu diria, ainda que baseada no mesmo tema inicial do meu livro em espanhol. Tema: sonhos e devaneios. Esta novela foi intitulada *House of Mist* e a publiquei pela editora Farrar Strauss, nos Estados Unidos, e depois na Inglaterra pela Cassel and Company (BOMBAL, 1996, p. 316)

Além de *House of mist* (nova versão de *A última névoa*), foi publicada em inglês a novela *The shrouded woman*, uma compilação da novela *A amortalhada* e do conto *A história de María Griselda*. E foi apenas depois disso que, segundo a autora, sua escrita tomou impulso a outros países:

Foi a partir daquelas publicações minhas... em inglês, que minhas duas obras foram traduzidas e publicadas em francês, alemão, japonês, sueco, tcheco-eslovaco. No Brasil, *House of Mist*, traduzida ao português por Carlos Lacerda, obteve o prêmio de livro do ano (BOMBAL, 1996, p. 316).

A tradução de Carlos Lacerda, o único digno de ter seu nome mencionado no discurso à *Academia Chilena de Lengua*, foi editada no Brasil pela Irmãos Pongetti, e intitula-se *Entre a vida e o sonho*. Às páginas 8 e 9 do *Jornal de Notícias* de 20 de fevereiro de 1949, na coluna “Vida literária no Brasil e no mundo”, em meio a um artigo intitulado “A França e os Homens de Côr”, e notícias sobre a UDN e o quererismo, havia o quadro “em poucas linhas”, que apregoava:

O romance ‘Entre a vida e o sonho’, de María Luisa Bombal, traduzido ao português por Carlos Lacerda, foi selecionado pela empresa ‘Livro do Mês’. A autora é chilena, mas reside há anos nos Estados Unidos.

⁶² Tradução minha ao trecho: “El éxito de crítica y de público lector que obtuviera me animó a traducirme yo misma del castellano al inglés”.

É possível que Bombal desconhecesse o sistema do “Livro do Mês”, de subscrição e entrega domiciliar, ou que, num arrebatado de grandeza, tenha decidido aumentar a láurea que lhe concederam e mencioná-lo como “Livro do Ano”. O *Correio da Manhã* de 13 de março de 1949 também noticiava:

SELEÇÃO DO LIVRO DO MÊS

O Livro do Mês apresenta a sua seleção de março: “Entre a vida e o sonho”, da escritora chilena Maria Luisa Bombal. A autora reside há muitos anos nos Estados Unidos, onde os seus livros frequentemente estão fazendo parte da lista dos “best-sellers”. Maria Luisa Bombal estreou com a novela “La última niebla” lançada na Argenina. “Entre a vida e o sonho” – traduzido para o português por Carlos Lacerda – é o último romance dessa escritora já laureada em seu país com o Prêmio da Cidade de Santiago do Chile.

Com relação ao prêmio concedido pela Cidade de Santiago do Chile, a notícia é confirmada pela pesquisa de Juliana Fragas Figueiredo (2015, p. 25): em 1942, Bombal recebeu o “Prêmio Municipal de Novela” por *A amortahada*. Sobre a inclusão de seus livros (“livros”, no plural, e acrescidos do advérbio “frequentemente”, dizia, ainda, a nota) na lista de “best-sellers” nos Estados Unidos, é bastante possível que houvesse, aí, um exagero, embora seja previsível que a venda dos direitos desta obra à Paramount tenha incrementado muito suas vendas. Já retornaremos a este evento; antes, é preciso analisar as relações que María Luisa travou com o cinema.

Indo residir nos Estados Unidos, María Luisa passou a trabalhar com dublagem, uma labuta que, segundo ela, era cansativa, mas bem paga (BOMBAL, 1996, p. 334). Essa experiência aproximou María Luisa da linguagem cinematográfica e das personalidades do cinema. Foi John Huston, porém, quem mais deu detalhes sobre este período da escritora; em entrevista originalmente publicada na revista *Vogue* do México, o grande diretor de Hollywood disse ao jornalista Waldemar Verdugo Fuentes, ao sabê-lo chileno:

- Sabias que a correção da tradução do filme *Relíquia macabra* (*The Maltese Falcon*) foi feita pela escritora chilena María Luisa Bombal, que foi muito amiga minha? A versão em espanhol dos meus primeiros filmes tem o seu selo. Ela também corrigiu *Nascida para o mal* (*In this our life*), que eu adaptei de uma novela de Ellen Glasgow, em que atuavam Bette Davis e Olivia de Havilland, e *Garras amarelas* (*Across the Pacific*), com Bogart e Mary Astor. A mão de María Luisa também está presente em *Paixões em fúria* (*Key Largo*, 1948), no qual retomei a obra teatral de Maxwell Anderson... No elenco, estavam Bogart, Lauren Bacall, Edward G. Robinson, Lionel Barrymore, enfim, o mesmo time com o qual queríamos filmar *House of Mist*, baseado no romance de María Luisa, com quem então trabalhamos o roteiro. É dela também a tradução dos diálogos em espanhol de *O estranho* (*The Stranger*), dirigida por Orson Welles e com roteiro meu baseado numa história de Víctor Trivas e Decla Dunning... [...] Há muitos anos, quando eu conheci María Luisa Bombal, em Los Angeles, para onde ela veio contratada pelos *Estúdios*, sua obra me comoveu. Quando nos apresentaram, ela me fez lembrar da Anita Loss, outra célebre escritora de Hollywood, que foi também amiga minha, mas María Luisa era muito mais alta que Anita. Ela nos ensinou a magia da realidade quando se integrou a Hollywood. (MABUSE, 2016)⁶³

⁶³ Tradução minha ao trecho: “-¿Sabes que la corrección de la traducción de **El halcón maltés** la hizo la escritora chilena María Luisa Bombal, que fue muy amiga mía? La versión en español de mis primeras películas

Na mesma entrevista, John Huston afirmava que aqueles eram tempos em que muitos escritores estrangeiros chegavam à Paramount para trabalhar como tradutores; havia carência de profissionais criativos e capazes de dialogar com a linguagem cinematográfica. María Luisa teria sido acolhida de imediato, por associação de bandeiras com Gabriela Mistral, que também residia na Califórnia, e havia recebido o Prêmio Nobel em 1945.

Nos *Testimonios* a Lucía Guerra, no entanto, Bombal não falaria sobre esses tempos em Los Angeles. Laura Janina Hosiasson, em posfácio à sua tradução da autora, evocou esta entrevista de John Huston, publicada pela primeira vez em 1981, para afirmar:

Jonh Huston, o grande cineasta norte-americano, declarou certa vez em entrevista que tinha sido amigo de María Luisa Bombal durante os anos em que ela viveu em Los Angeles, trabalhando como tradutora para os Estúdios Paramount. Ela nunca falou em público sobre esta amizade. (HOSIASSON, 2013, p. 195)

Em 1962, no entanto, em entrevista a Germán Ewart para o jornal *El Mercurio* (In: BOMBAL, 1996, p. 397), Bombal afirmara ter vendido os direitos cinematográficos de *House of mist* por 125 mil dólares e que, descontadas as comissões e impostos, essa transação teria representado, para ela, a respeitável soma líquida de 65 mil dólares. Essa transação não teria passado despercebida pelos jornalistas e editores brasileiros. O *Diário de Notícias*, com o slogan “o matutino de maior tiragem do Distrito Federal”, trazia na terceira página de sua segunda seção da edição de 30 de julho de 1946, a seguinte nota:

NOTÍCIAS DE HOLLYWOOD: Hollywood, 29 (U. P.) – Os direitos da novela “The house of mist”, da escritora chilena Maria Luisa Bombal, foram adquiridos por Hal Wallis para ser levada à cena cinematográfica, em 1947, em cuja produção serão gastos 2.500.000 dólares.

John Huston, na entrevista de 1981, confirmou que os direitos sobre o romance foram adquiridos por valor sete vezes maior ao que se havia negociado com Sartre pelo roteiro de Freud (a referência é ao filme *Freud além da alma* que, ao ser rodado, sofreu tantas alterações que Sartre mandou retirar seu nome dos créditos) e que a intenção era começar a rodá-lo imediatamente. Contudo, a produção nunca saiu do papel. Segundo Huston, foi o *macarthismo* que impediu não apenas a filmagem desta obra, mas a inviabilização da cinematografia como arte nos Estados Unidos: eram os tempos em que o *Comitê de Atividades Antiamericanas* estava no seu auge; queria “nomes”, e transformara Hollywood no comitê permanente da delação, da paranoia anticomunista, da destruição de vidas, reputações, famílias e da própria cinematografia:

tiene su sello; también corrigió **In this our life**, que adapté de una novela de Ellen Glasgow, donde iban Bette Davis y Olivia de Havilland; y **Across the Pacific**, donde iba también Bogart y Mary Astor. También tiene su mano **Huracán de pasiones (Key Largo)**, 1948), que hice tomada de la obra teatral de Maxwell Anderson... iban Bogart, Lauren Bacall, Edward G. Robinson, Lionel Barrymore; el mismo equipo con el que quisimos filmar **House of Mist**, basada en la novela de María Luisa, con quien trabajamos el guión entonces. De ella también es la traducción de los diálogos al español de **The Stranger**, que dirigió Orson Welles, cuyo guión escribí basado en una historia de Víctor Trivas y Decla Dunning... [...] Hace muchos años cuando conocí a María Luisa Bombal, en Los Angeles, donde ella llegó contratada por los Estudios, me conmovió su obra; cuando nos presentaron me recordó de inmediato a Anita Loss, otra célebre escritora de Hollywood, que fue también mi amiga, aunque María Luisa era bastante más alta. Ella nos enseñó la magia de la realidad cuando se integró a Hollywood.” MABUSE, Revista de cine. *Desconocida entrevista a John Huston rescatada por Mabuse en junio de 2007 con autorización de su autor.* Disponível em: <<http://www.mabuse.cl/entrevista.php?id=77898>>. Acesso em: 12 out. 2016.

Como vários outros projetos, o filme que íamos fazer com base no roteiro de María Luisa Bombal foi congelado, ao menos no que a direção e atores se referia. Soube que propuseram depois outro diretor e outros artistas, que retomaram o projeto, mas, ao final, não chegaram a filmá-la. [...] Há muitos filmes que eu queria ter feito. Há incontáveis livros que eu queria ter levado ao cinema. Há muitas coisas sobre as quais nunca tratarei. Mas, para meu descargo, quero dizer que nem sempre filmei o que eu queria. Eu não sou um homem de fortuna que pode produzir o seu próprio trabalho. (MABUSE, 2016)⁶⁴

Ao jornalista Ewart, porém, Bombal justificou que *House of mist* não fora às telas por causa do suposto *disparate intelectual* de uma roteirista inglesa incumbida da adaptação (BOMBAL, 1996, p. 398). E complementou:

Um dia, eles acharam que este seria um bom tema para Audrey Hepburn, mas a atriz não se agradou. De tempos em tempos, me convidavam para jantar e me comunicavam que alguém ia filmar *A última névoa*, mas tudo ficou só em projetos. Faz uns cinco anos, os Artistas Unidos quiseram comprar os direitos da Paramount, que já tinha investido mais de 250 mil dólares no assunto. Não quiseram vender. Quem puder que os entenda... (BOMBAL, 1996, p. 398)⁶⁵

É curioso observar que a própria María Luisa costumava referir-se ao seu *House of mist* como sendo *A última névoa*, mesmo que ela mesma admitisse tratar-se aquela de uma outra obra, inspirada na primeira. Na mesma entrevista a Ewart, a escritora comentou que seu agente literário nos Estados Unidos teria gostado de *A última névoa*, mas recomendou o esclarecimento do final e o alongamento da narrativa para agradar ao público leitor do novo sistema receptor (BOMBAL, 1996, p. 397). Assim, uma novela de 45 páginas foi reelaborada a ponto de converter-se em um romance de 200 páginas.

O ambiente editorial norte-americano era mais afeito ao entretenimento de massa e regido por parâmetros muito diferentes da intelectualizada Buenos Aires dos leitores da revista *Sur*. O público da Farrar Straus & Giroux compunha-se sobretudo por mulheres da ampla classe média dos Estados Unidos, donas de casa, na sua maioria: santas guardiãs do lar, um espaço que se convertia em zona de conquista para a emergente indústria dos eletrodomésticos, conforme análise de Lucía Guerra (2012, p. 11). Os romances viriam para preencher o tempo de ócio das mulheres pequeno-burguesas em uma época em que a televisão ainda não invadira os lares dos americanos médios. Visando a esse público, as editoras prefeririam a estrutura de folhetim: diálogos breves e rápidos, explicações para cada fenômeno, abstinência de linguagem vulgarizada entre dramas rocambolescos. Ironicamente, a primeira escritora latino-americana a narrar um orgasmo feminino aceitou cada uma dessas

⁶⁴ Tradução minha ao trecho: “Como varios otros proyectos, la película que íbamos a hacer basada en el guión de María Luisa Bombal, fue congelado, en lo que a dirección y actores se refería. Supe que propusieron después otro director y artistas, que retomaron el proyecto, pero al final no llegaron a filmarla. [...] Hay incontables libros que hubiera querido llevar al cine. Hay muchas cosas que nunca trataré. Pero, en mi descargo, quiero decir que no siempre filmé lo que quería. Yo no soy un hombre de fortuna que puede producir su propio trabajo”. MABUSE, Revista de cine. *Desconocida entrevista a John Huston rescatada por Mabuse en junio de 2007 con autorización de su autor*. Disponível em: <<http://www.mabuse.cl/entrevista.php?id=77898>>. Acesso em: 12 out. 2016.

⁶⁵ Tradução minha ao trecho: “Un día se les ocurrió que sería un buen tema para Audrey Hepburn, pero a la actriz no le agradó. Cada cierto tiempo me invitaban a cenar para comunicarme que alguien iba a filmar *La última niebla*, pero todo quedó en proyectos. Hace unos cinco años, Artistas Unidos quiso comprar los derechos a la Paramount, que ya había invertido más de 250 mil dólares en el asunto. No quisieron vender. Entíéndalos quien pueda”.

regras e escreveu, para as donas de casa do macarthismo, um romance que, bem de longe, se assemelhava àquela *Última névoa* escrita ao lado de Neruda. É incrível que essa segunda novela tenha sido tratada, por tanto tempo, como uma (auto)tradução.

No Brasil, sob a pena de Carlos Lacerda, de *House of mist* fez-se *Entre a vida e o sonho*. Somente depois do falecimento da autora (em 1980) é que foram publicados no Brasil três outros livros, desta vez provenientes do espanhol: *A última névoa*, de 1985, recebeu tradução assinada por Neide T. Maia González com revisão de Vicente Cechelero; *A amortalhada*, de 1986, foi traduzida por Aurora Fornoni Bernardini e Alicia Ferrari del Pardo, com revisão de Adma Muhana; e, em 2013, um ano após a estreia, no Chile, do filme *Bombal*, dirigido por Marcelo Ferrari, os leitores brasileiros foram surpreendidos pelo lançamento de uma publicação subvencionada pelo Ministério de Educação, Cultura e Esportes da Espanha e que trouxe, sob o selo da editora Cosac Naify, as duas novelas de Bombal em retradução de Laura Janina Hosiasson. Além disso, Leo Schlafman traduziu o conto *A árvore* para a coletânea *Os melhores contos da América Latina*, organizada por Flávio Moreira da Costa e publicada pela editora Agir, em 2008.

Entre nós, a mesma década de 1930 que testemunharia o surgimento de Bombal como escritora em Buenos Aires, assistiria à projeção de uma indústria editorial brasileira digna deste nome, e a publicação de traduções passaria a acontecer sistematicamente.⁶⁶ Começaram a “criar-se no Brasil as condições mínimas, de ordem material e social, possibilitadoras do exercício da tradução literária como atividade profissional, ainda que no mais das vezes subsidiária” (PAES, 1990, p. 25). Alguns “ranços” provenientes da República Velha e do “coronelismo” seriam paulatinamente espanados por um período de modernização autoritária iniciada com a Revolução de outubro de 1930 que alçou o gaúcho Getúlio Vargas ao poder, rompendo com a tradição “café-com-leite”, em que São Paulo e Minas Gerais revezavam-se no comando da nação. Ao final da década de 1930, e acentuada pela crise de 1929, o Brasil manteve a “política centralizadora do Estado Novo, de cunho fortemente nacionalista resultante do movimento de busca de saídas nacionais e de privilegiar o mercado interno” (GOETZINGER, 2014, p. 64). Entre as políticas prioritárias de Vargas, estavam as reformas com vistas à industrialização e a diversificação da economia brasileira sob o aumento da intervenção do Estado. Para mantê-las, o Brasil adotou, conforme Gerson Moura (apud GOETZINGER, 2014, p. 65) uma “política de equidistância pragmática” e barganhas tanto com os Estados Unidos quanto com a Alemanha. Associada a isso, a forte colonização alemã, sobretudo no sul, levava os americanos a classificar o Brasil como um grande risco nazista. Para controle e intervenção mais direta, criou-se entre nós o *Office of the Coordinator of Interamerican Affairs* (CIAA), que “tinha como finalidade declarada estreitar os laços de amizade entre os países do hemisfério durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945)” (MORINAKA, 2016, p. 165) e implementou, também, esforços de tradução literária.

Vargas manteve o quanto pôde a sua ambígua política, mas quando se viu forçado a aderir à guerra contra o Eixo, os brasileiros passaram a conviver com diversas manchetes acerca dos *sanguinários alemães*. O nazismo, por um breve período, faria (inclusive aos olhos dos norte-americanos) com que os soviéticos parecessem um *mal menor*. No periódico *O Fluminense*, de 10 de setembro de 1942, lia-se, na capa, a seguinte exortação ao povo brasileiro, após o “torpedeamento dos nossos navios e o assassinio bárbaro de nossos irmãos” promovido pelas tropas nazistas:

⁶⁶ É a expressão “sistematicamente” que faz com que não consideremos como “pai da tradução” moderna no Brasil a grande personalidade que foi Monteiro Lobato. Na década de 20, em oficina própria, Lobato publicava nomes como Kipling, Jack London, Saint-Exupéry, Hemingway, Sholem Ash, Melville e H. G. Wells, embora não se possa afirmar com certeza que fosse ele próprio o tradutor de todas essas obras.

Colaborar com ele [Getúlio Vargas], de modo mais intenso e eficiente, para que alcancemos a vitória final revidando o golpe que nos foi desferido pelos sanguinários alemães é nosso dever. Enquanto não formos convocados para as fileiras do glorioso Exército Nacional, devemos, como simples civis, ir trabalhando e envidando esforços, igualmente necessários, para fortalecer a pátria comum.

Carlos Lacerda não clamaria pelo apoio incondicional ao ditador estadonovista, mas testemunharia uma época em que literatura e política estreitariam ainda mais suas relações. Segundo pesquisa de Bruno Gomide (2014), entre 1943 e 1945, o Brasil traduziria literatura russa num furor como nunca antes visto.⁶⁷ Na *Hemeroteca Digital*, uma pesquisa selecionando o período de 1940 e 1949 e todos os jornais que compõem o arquivo, a busca pelo termo *Dostoievski* resultou em 814 ocorrências. *Tolstói*, por sua vez, contabilizou 3.166 ocorrências. A guisa de comparação, para os mesmos critérios de busca, os resultados para *Cortázar* totalizam 45, e, para *Jorge Luis Borges*, apenas 17. Nem mesmo *Pablo Neruda*, com suas 563 ocorrências, suplantaria o frisson provocado pelos russos quando Stalingrado prefiguraria a “virada política e simbólica” (GOMIDE, 2014, p. 14) daquela década. Mas, quando todos saudavam as traduções (majoritariamente indiretas) de “Dostoiévski, Tolstói e Gorki, em primeiro lugar, e Tuguêniev, Gógol e Púchkin, a seguir” (GOMIDE, 2014, pp. 4 – 5). Carlos Lacerda não se furtaria de publicar uma crítica literária sobre “as horríveis traduções que editores bem intencionados nos serviam” (GOMIDE, 2014, p. 12). Ele próprio, Carlos Lacerda, ainda que sob um pseudônimo, chegaria a traduzir o clássico *A morte de Ivan Ilitch*, de Tolstói (EUZÉBIO, 2007, p. 27).

No entanto, segundo Dulles (1992, p. 167), em 1940, Carlos Lacerda teria sido contratado pela Agência Interamericana, sob o comando de Nelson Rockefeller, para traduzir e publicar no Brasil material vindo dos Estados Unidos. Incumbido sobretudo de traduzir obras que refletissem a tradição liberal democrática americana e biografias, como a de Thomas Jefferson, por Francis Hirst (1943), e *Minha mocidade*, de Winston Churchill (1941), acabou dedicando-se também a ficções. A pecha de “tradutor dos americanos” trouxe-lhe a desconfiança de colegas escritores. Segundo Dulles, em carta a Mario de Andrade, datada de 11 de outubro de 1941, Lacerda se teria lamentado:

“Você tem feito insinuações”, disse Carlos na carta, “acerca da minha posição na campanha de aproximação com os Estados Unidos, afirmando amavelmente que eu faço isso ‘porque preciso viver’.” Carlos admitiu que, durante o debate sobre a promulgação da Lei de Segurança Nacional, havia combatido o imperialismo americano. No entanto, escreveu, convenceu-se “de que só com o estímulo americano se pode organizar uma força democrática de resistência ao nazismo no Brasil”. Ressentido com a imagem de que ele estava se “vendendo aos americanos”, Carlos escreveu que “no apoio aos americanos, como aos ingleses, está um dever de consciência em face do inimigo comum, do inimigo único, que é o nazismo” (DULLES, 1992, p. 68).

Não faria sentido promover traduções no Brasil se estas não chegassem ao conhecimento dos brasileiros. Para isso, contavam os norte-americanos com o amparo (consciente ou não) da mídia. Uma dessas traduções assinadas por Carlos Lacerda no período viria assim anunciada na página dois do *Diário de Notícias* de 6 de dezembro de 1942, na coluna Letras e Artes:

⁶⁷ Denise Bottmann, em seu *blog*, traz uma relevante lista de “81 autores, em 222 livros publicados, abrangendo cerca de 470 textos entre contos, novelas e romances” russos traduzidos entre 1900 – 1950. Conforme BOTTMANN, Denise. *Bibliografia Russa Traduzida no Brasil (1900-1950)*. Disponível em: <<http://naogostodeplagio.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 5 dez. 2016.

Um professor americano que nunca veio ao Brasil escreveu há pouco a mais esclarecedora obra sobre o trabalho do índio na colonização do Brasil. Essa obra imporá, sem dúvida, retificações ao erro tão divulgado pelas histórias do Brasil, à exceção de algumas mais destacadas, sobre o valor do índio na produção. Apoiado em farta documentação e num estudo que é modelo de síntese, disposição, clareza e honestidade científica, o professor Alexander Marchant apresentou uma obra definitiva. “From Barter to Slavery” (“Do escambo à escravidão”) aparecerá proximamente em português, na tradução do sr. Carlos Lacerda.

Seja por incumbência recebida, seja por gosto pessoal, Lacerda dedicou-se a traduções e legendagem de filmes, mas também a escritas pessoais de cunho político ou artístico e literário. Sua vasta produção passaria por poemas, contos, crônicas, romances e teatro, além de crítica literária e adaptações para as mídias da época. A guisa de exemplo: em 1941, a Rádio Gazeta, de São Paulo, aceitou sua proposta sobre o *Teatro dos mil e um contos*, uma seleção dos considerados “os melhores do mundo”, e irradiou, uma ou duas vezes por semana, com o patrocínio de firmas comerciais, adaptações feitas em conjunto com o poeta Paulo Mendes de Almeida, de contos de Honoré de Balzac, W. Somerset Maugham, Guy de Maupassant e outros (DULLES, 1992, p. 69). Como dramaturgo, Carlos Lacerda deixou três peças de relativo êxito: *O rio*, produzida por Álvaro Moreira, e publicada, em 1943, pela Editora Gaveta, com ilustrações de Lívio Abramo (DULLES, 1992, p. 71); *A bailarina solta no mundo*, obra cômica, e *Amapá*, que mesclava surrealismo em cenas de sonhos interpretadas por dançarinos que representavam absurdos como um prato de presunto com ovos (DULLES, 1992, p. 86). As duas últimas peças estiveram em cartaz em 1945.

Em 1947, enquanto se promoviam ferrenhos debates em função da privação de legalidade ao PCB, Lacerda acusaria o escritor Jorge Amado e o jornalista Samuel Wainer de receberem dinheiro alemão para propagar no Brasil “a doutrina do pacto Stalin-Hitler”. Em represália, vários integrantes da Associação Brasileira de Escritores ameaçaram abandonar o Segundo Congresso de Escritores, que ocorreria em Belo Horizonte em meados de outubro, caso Lacerda dele participasse (DULLES, 1992, p. 103). Para apaziguar os ânimos, a solução foi permitir que Lacerda assistisse às seções do Congresso, mas não lhe conceder a palavra.

Assim, em 1949, quando traduziu María Luisa Bombal, Carlos Lacerda já era o colunista infatigável. Pretendia-se o paladino da democracia e o feroz combatente de comunistas. Era, então, vereador pela UDN (União Democrática Nacional), partido ultraconservador anticomunista, e já havia sofrido dois atentados. Era recente a sua conversão ao catolicismo, que teria ocorrido em 1948, segundo Dulles (1992, p. 115), mas a religião seria abraçada com fervor. Lacerda escrevia, então, para o *Correio da Manhã*, no qual mantinha coluna intitulada *Na tribuna da Imprensa* em que defendia uma política liberal de imigração - que, segundo ele, poderia trazer ao Brasil “as características mais convenientes de sua ascendência europeia” (DULLES, 1992, p. 122) e clamava pela redução de entraves para o capital estrangeiro. Blasfemava igualmente contra os “nacionalistas do bananismo” (DULLES, 1992, p. 123) e os comunistas. Empolgava-se com a questão do petróleo; citava Monteiro Lobato, quem teria dito que o Brasil seria o único país do mundo a ter petróleo e não fazer nada com ele (DULLES, 1992, p. 112). Lobato, como Lacerda, conciliava a literatura com a política, a tradução de clássicos com discursos agressivos, e parecia ser uma inspiração.

Entre a vida e sonho, a primeira obra de María Luisa Bombal a ingressar no sistema literário brasileiro em tradução foi publicada pela Irmãos Pongetti, a mesma que editou no Brasil *E o vento levou*, em 1936, marcando episódio sobre o qual Érico Veríssimo confessaria mais tarde: foi “um dos meus maiores erros como orientador literário da Globo” (VERÍSSIMO, 2011, p. 61). Veríssimo desaconselhara o empreendimento em carta a

Henrique Bertaso, dizendo: “o romance gira em torno da Guerra da Secessão dos Estados Unidos. É demasiado volumoso e vai custar-nos muito caro traduzi-lo e publicá-lo. Duvido que nosso público possa interessar-se pelo assunto” (VERÍSSIMO, 2011, p. 61). Naquele mesmo ano, porém, a Metro Goldwyn Meyer comprou os direitos cinematográficos do romance, e este permaneceu por mais de ano na lista dos mais vendidos. Segundo Halewell:

A Pongetti era uma empresa gráfica e apenas quatro anos antes [de 1939, quando da publicação de *E o vento levou*, em tradução de Francisca de Basto Cordeiro] entrara no ramo editorial. Apesar de um catálogo sem dúvida de alto nível – que incluía Maurois e Dostoiévski – dizia-se que a empresa estava sofrendo pesados prejuízos em seu novo empreendimento. E o *Vento Levou...* acabou sendo a sua salvação. A publicidade em torno da dificultosa busca de uma atriz para o papel de Scarlet O’Hara, na versão de Hollywood, despertou tremendo interesse pelo livro e, quando o filme finalmente chegou ao Brasil, suas vendas estouraram. Não obstante o preço de 25\$000 por um livro de 854 páginas – 35\$000 na versão encadernada – a Pongetti conseguiu o grande êxito da década, vendendo cinquenta mil cópias (HALLEWELL, 2012, p. 492)

A Pongetti, em tradução da mesma Francisca de Basto Cordeiro, também publicou a tradução de *Por quem os sinos dobram*, obra de Hemingway que igualmente recebeu versão cinematográfica. Não é impossível que tenha sido o flerte de Hollywood com a obra de Bombal, em 1947, a grande motivação a editora brasileira para a tradução de *House of mist*. Afinal, o cinema era uma nova mágica, além de um novo instrumento para disseminar ideias. Lacerda (e os americanos que o contrataram) saberiam compreender esse poder.

Embora o acesso à cultura não fosse então (como nunca o foi, de fato) homogêneo, todos os Estados brasileiros dispunham de salas de cinema naqueles 1949, e apenas os territórios do Guaporé (hoje Rondônia) e Rio Branco (hoje Roraima) não ostentavam cine-teatros (SILVA; BARBOSA, 2006, p. 49).

A primeira edição da *Tribuna da Imprensa*, de 27 de dezembro de 1949, anunciaria dez filmes e dez peças teatrais em cartaz no Rio de Janeiro. Apesar da aparente paridade numérica (dez títulos em cartaz para cada modalidade), o cinema teria várias seções ao longo do dia e forte apelo popular. Dados do IBGE indicam o total de 3.502.938 espectadores para 10.173 espetáculos teatrais em cartaz no Brasil ao longo de 1949. Analisando a distribuição regional, tem-se que: 4.391 peças estariam em cartaz na capital do país (com 1.757.408 espectadores no total), 1.515, em São Paulo (573.364 espectadores ao total), e 1.290 no Rio Grande do Sul (com um total de 311.795 espectadores) ao longo daquele ano de 1949. Significa dizer que o Distrito Federal (então, o Rio de Janeiro), São Paulo e Rio Grande do Sul concentravam aproximadamente 70,74% das obras teatrais em cartaz e 75,43% dos espectadores de teatro no Brasil. Seria menos heterogênea a distribuição regional dos filmes, que totalizavam 185.668.090 espectadores (um bom número para o Brasil que contou 51.944.397 brasileiros no Censo de 1950).

Ainda assim, chama atenção que tenha sido Carlos Lacerda o escolhido para traduzir a escritora chilena. O jornalista era figura de extremos, e não poucas vezes mudou de correntes e opiniões. Apesar da família tradicional e influente,⁶⁸ não vivia entre mordomias: a derrocada

⁶⁸ “Seu pai foi jornalista, deputado federal de 1912 a 1920, revolucionário em 1922 e 1924, novamente deputado federal e revolucionário em 1930, membro da Aliança Nacional Libertadora (ANL) e acusado de envolvimento no levante comunista de 1935. Seu avô por parte de pai, Sebastião Eurico Gonçalves de Lacerda, foi ministro da Indústria, Viação e Obras Públicas de 1897 a 1898, no governo de Prudente de Moraes, e ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) de 1912 a 1925. Seus tios, Fernando e Paulo de Lacerda, foram líderes do Partido Comunista Brasileiro, então chamado Partido Comunista do Brasil (PCB)” (KELLER, Vilma. Carlos Frederico

financeira da família e as consequentes dificuldades constavam das memórias do jornalista, que relatou ter tido que vender até a biblioteca de seu pai, em 1934, para fazer dinheiro (LACERDA, 2001. p. 54). No entanto, também é possível que ele se identificasse com as visões políticas conservadoras da chilena, sua forma de escrever, seu gosto pelo cinema e pelas tramas tangendo o surrealismo.

É possível, também, que Lacerda fizesse de (cada uma de) suas traduções (e das escolhas das obras e autores a traduzir) uma espécie de projeto político, uma forma de reforçar sua vontade de poder. Eliane Euzébio, em sua dissertação de mestrado intitulada *O poder das ideias: as traduções com objetivos políticos de Carlos Lacerda*, orientada pelo Prof. John Milton, e defendida em 2007, na Universidade de São Paulo (USP), traz diversos exemplos a reforçar essa afirmação.

Mais do que texto resultante da tradução de Carlos Lacerda, é importante a reflexão sobre o período histórico em que suas traduções se inserem e também sobre o próprio tradutor e sua *posição tradutória* e seus *horizontes de tradutor* (termos que emprego conforme BERMAN, 1995, pp. 80 – 81).

Então, afinal, por que Carlos Lacerda traduzia? Por que traduziu *House of mist*, de María Luisa Bombal, uma escritora latino-americana de obra e biografia tão polêmicas? Seria tudo uma incumbência da Agência Norte-Americana à qual servia? Acredito que não. Opino que, para além de todas as hipóteses levantadas, Carlos Lacerda buscava o poder de identificação simbólica (termo que tomo de Pierre Bourdieu) com as elites, o *status* de político culto, dominador das artes e das línguas estrangeiras.

Para compreender o possível prestígio que poderia a tradução conferir a um político com pretensões de chegar a ser presidente, há que se recordar que o Brasil de Carlos Lacerda era majoritariamente católico, rural e incapaz de ler e de votar. Conforme o IBGE (em dados explicados por SILVA; BARBOSA, 2006): em 1950, a população classificada como “urbana” correspondia a cerca de 36% do total da população brasileira. Foi no Censo de 1960, que, pela primeira vez, constatou-se que o número de brasileiros alfabetizados havia superado o de analfabetos. No que tange aos católicos, foram esmagadora maioria (92%) até os anos 1970. Ademais, é preciso recordar que foi somente com a promulgação da Emenda Constitucional nº 25, de 15 de maio de 1985, que os analfabetos passaram a ter o direito (exercício facultativo) a voto, embora, ainda hoje, sejam, por lei, inelegíveis. Num contexto assim, Lacerda poderia publicar sem freios o seu desprezo pelos “marmiteiros” getulistas, que seriam, para ele, da mesma família que os “descamisados” argentinos aliados ao “inculto” Juan Domingo Perón (DULLES, 1992, pp. 93 – 94). Como a imensa maioria de analfabetos não chegaria às urnas, Carlos Lacerda não temia perder votos, e promovia-se a si mesmo como a “elite” (sobretudo “intelectual”) de um Brasil que precisava ser “salvo” da ignorância.

Mesmo quando foi governador, Lacerda seguiria traduzindo e esforçando-se por conciliar a fama de artista e erudito com a do político. Em 18 de agosto de 1963, a coluna *Luzes da cidade*, à página 18 da revista *O cruzeiro*, trazia uma foto sua de perfil e os seguintes dizeres:

“O Bem-Amado”: Aqui no Rio, o Teatro Santa Rosa acaba de lançar com grande sucesso, a peça de Neil Simon, “Come blow your horn”, numa ótima tradução de Carlos Lacerda, crismada para nós, por razoáveis motivos, de “O Bem-Amado”. Em Londres, esta mesma peça foi lançada em fevereiro do ano passado, ficando em cartaz até hoje. Agora na Belacap, dirigida pelo *crack* Léo Jusi, produzida por Helio Bloch, [...] e contando com a tradução

do Governador da Guanabara, que além de excelente executivo é – para ódio de seus rivais políticos – um engenhoso dramaturgo, a peça está com jeito de bater todos os recordes anteriores do Santa Rosa. Lacerda não brinca em serviço, nem quando se trata de pregar uma peça.

Não seria incomum a um brasileiro deparar-se com a combinação de palavras “tradução de Carlos Lacerda” estampada em uma página de jornal. Na *Hemeroteca Digital Brasileira*, uma busca a partir dessa combinação de palavras para a seleção “todos os jornais” localizou 38 (trinta e oito) ocorrências para o período 1940 – 1949.

Para a década seguinte (1950 – 1959), a mesma busca resultou em apenas 7 (sete) ocorrências. Mas seriam ocorrências muito interessantes: em setembro de 1954, pouco depois do suicídio de Getúlio Vargas, a revista *O Cruzeiro* daria destaque às traduções de Carlos Lacerda. À página 93 da edição de 11 de setembro de 1954, era feita a sugestão de leitura da biografia *A vida de André Gide*, de Klaus Mann (filho de Thomas Mann). Uma semana depois, em 18 de setembro de 1954, a mesma revista indicaria, à página 97, a obra *Dias decisivos*, de Samuel Wells, “um estudo de grande valor histórico sobre uma das fases mais agudas da guerra contra o nazi-fascismo”. É bastante significativo que as duas únicas ocorrências desta revista ao papel de tradutor de Carlos Lacerda se tenham dado justamente poucos dias depois do “Morra Lacerda” e o quebra-quebra na *Tribuna da Imprensa* causados pela comoção popular ao suicídio de Getúlio Vargas. É possível, portanto, que, naquele contexto, o fazer tradutório assumisse um *quê* de missão civilizatória, e o tradutor por trás do jornalista precisasse ser evocado na imprensa para conter os ânimos. Eis o avesso da invisibilidade.

As poucas ocorrências a traduções de Lacerda para o período de 1950 a 1959 relacionam-se à crise do sistema editorial e à queda no número de publicações em geral, fenômeno associado ao “rigor do governo brasileiro no controle da remessa de divisas para o exterior [que] foi tornando cada vez mais difícil o pagamento de direitos de tradução” (HALLEWELL, 2012, p. 446). Mesmo antes disso, porém, e nas ondas da economia sempre instável, o livro brasileiro vinha perdendo espaço ao exemplar português, mais competitivo economicamente.

Para o período 1960 – 1969, de grandes convulsões políticas, constam nada menos que 246 (duzentos e quarenta e seis) ocorrências para uma busca pela combinação de palavras “tradução de Carlos Lacerda” na *Hemeroteca Digital Brasileira*. Já para a década 1970 – 1979, são 59 (cinquenta e nove). Não são números a serem desprezados e que, por certo, demandariam uma análise mais detalhada.

Neste trabalho (e já rumando para o final destas análises) cabe observar que tradutor assim tão saudado pela imprensa nacional tenha sido tão pouco estudado pelos pesquisadores em tradução. Ele não consta do *Dicionário de Tradutores Literários no Brasil*, organizado pelo Núcleo de Pesquisa em Literatura e Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e recebeu raros estudos acadêmicos. Isso só pode ser explicável pelo fato de que Carlos Lacerda, jornalista, tradutor, escritor e editor, proprietário da Nova Fronteira, entraria para a história do Brasil como o mais famoso dos *golpistas*. Em obra dedicada a João Goulart, lê-se:

Carlos Lacerda, o maior crítico de Vargas, que fundara seu *Tribuna da Imprensa* com um generoso empréstimo do Banco de Crédito Real de Minas Gerais, pregava, desde 1952, a instauração de um “estado de emergência”. Os eleitos pelo povo deveriam ser “removidos” para o “aprimoramento da democracia”. Os Diários Associados, *O Globo* e o *Estado de São Paulo* apoiaram as propostas golpistas de Lacerda. Como o senador norte-

americano McCarthy, avalia Claudio Bojunga, Lacerda recorria à técnica da “mentira múltipla” (FERREIRA, 2011, p. 126).

Com efeito, no ano subsequente à publicação de *Entre a vida e o sonho*, no editorial de *A Tribuna da Imprensa* (1º de junho de 1950), Lacerda escreveria as palavras que marcariam a ferro essa alcunha: “O senhor Getúlio Vargas, senador, não deve ser candidato à Presidência. Candidato, não deve ser eleito. Eleito, não deve tomar posse. Empossado, devemos recorrer à revolução para impedi-lo de governar”. Em face de tais palavras políticas, não é de espantar que as literárias se tenham tornado menos famosas. Este é, afinal, o homem que abalou os pilares da frágil democracia brasileira participando ativamente da derrocada de três Presidentes da República: Getúlio Vargas (que se suicidou em 1954, sob a comoção causada pelo atentado da Rua Tonelero contra o próprio Carlos Lacerda), Jânio Quadros (1961) e João Goulart (1964).

Carlos Lacerda feneceu sem ocupar o cargo de Presidente pelo que tanto se empenhara e foi massacrado pelos ditadores que ele próprio ajudou a colocar no poder. *Entre a vida e o sonho*, que nunca chegou às telas do cinema, não consta nem da lista de traduções de Carlos Lacerda coletadas por Denise Bottmann, nem naquela compilada pela *Fundação 18 de março* (Fundamar). O trabalho que ora se apresenta ao Encontro Nacional de Cultura e Tradução (Encult) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) vem, portanto, sanar uma lacuna na pesquisa sobre a história da tradução no Brasil trazendo reflexões sobre as possibilidades e motivações anteriores ao processo tradutório, sobre as normas e eventos que possam ter contribuído não apenas para a escolha da obra a traduzir, mas do quem traduzi-la, como e por quê.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOMBAL, María Luísa. **Obras completas**. Barcelona / Buenos Aires / México DF / Santiago de Chile: Editorial Andrés Bello, 1996. 456p.

_____. **Casa de niebla**. Tradução ao espanhol de Lucía Guerra. Santiago: Ediciones Universidad Católica de Chile, 2012, 247p.

BOTTMANN, Denise. **Bibliografia Russa Traduzida no Brasil (1900-1950)**. Disponível em: <<http://naogostodeplagio.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 5 dez. 2016.

DULLES, John W. **Carlos Lacerda: a vida de um lutador**. Tradução de Vanda Mena Barreto de Andrade. vol. 1. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992. 512p.

EUZÉBIO, Eliane. **O poder das ideias: as traduções com objetivos políticos de Carlos Lacerda**. Dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e Literários em Língua Inglesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, em 2007. Disponível em: <www.teses.usp.br/TESE_ELIANE_EUZEBIO.pdf> Acesso em: 02 abr. 2016.

FERREIRA, Jorge. **João Goulart: uma biografia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. 713p.

FIGUEIREDO, Juliana Fragas. **A voz do corpo e as instâncias do narrar em A amortalhada, de María Luisa Bombal**. Dissertação de mestrado defendida no Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências

Humanas da Universidade de São Paulo, em 2015. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8151/tde-05082015-164817/publico/2015_JulianaFragasFigueiredo_VCorr.pdf> Acesso em: 20 out. 2016

FUNDAÇÃO 18 DE MARÇO. (Fundamar) Projetos: ACL (Arquivo Carlos Lacerda). Traduções de Carlos Lacerda. Disponível em: <http://www.fundamar.com/projetos_itens.aspx?id=18&projeto=4> Acesso em 01 abr. 2016.

GOETZINGER, Camila. O Office of The Coordinator Of Inter-American Affairs e o Instituto Brasil-Estados Unidos em Florianópolis na década de 1940. Revista Santa Catarina em História, Florianópolis, v.8, n.2, 2014.

GOMIDE, Bruno. **Estado Novo, José Olympio e Dostoiévski**: por que uma “coleção” de obras completas? In: 38º Encontro da ANPOCS. GT Pensamento Social no Brasil. Disponível em: <<http://www.anpocs.org/index.php/papers-38-encontro/gt-1/gt28-1/9098-estado-novo-jose-olympio-e-dostoiievski-por-que-uma-colecao-de-obras-completas/file>> Acesso em: 5 dez. 2016.

GUERINI, A. et all. Dicionário de tradutores literários do Brasil. Disponível em: <<http://www.dicionariodetradutores.ufsc.br/pt/BorisSchneiderman.htm>> Acesso em: 8 jun. 2016.

GUERRA, Lucía. **Mujer, cuerpo y escritura en la narrativa de María Luisa Bombal**. Santiago: Ediciones Universidad Católica de Chile, 2012. 199p.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**: sua história. Tradução de Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: 2012, 1016p.

HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

HOSIASSON, Laura Janina. Anseio e sonho na prosa de María Luisa Bombal. In: BOMBAL, Maria Luisa. **A última névoa e A amortalhada**. Tradução de Laura Janina Hosiasson. São Paulo: Cosac Naify, 2013. 224p. (pp. 195 – 215).

IBGE. **Anuário Estatístico do Brasil**. Diversões públicas: o movimento anual de espetáculos, por unidades da federação, segundo o gênero dos espetáculos realizados - 1949. Disponível em: <http://seculoxx.ibge.gov.br/images/seculoxx/arquivos_download/cultura/1951/cultura1951m_aeb178.pdf> Acesso em: 6 dez. 2016.

_____. **População do Brasil na data dos recenseamentos gerais**. Disponível em: <http://seculoxx.ibge.gov.br/images/seculoxx/arquivos_download/populacao/1952/populacao_a1952aeb_01.pdf>. Acesso em: 6 dez. 2016.

KELLER, Vilma. **Carlos Frederico Werneck de Lacerda**. Verbete do Dicionário biográfico do Centro de Pesquisa e Documentação da Fundação Getúlio Vargas. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/carlos-frederico-werneck-de-lacerda>> Acesso em 01. abr. 2016.

LACERDA, Carlos. **Rosas e pedras de meu caminho**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001. 307p.

MABUSE, Revista de cine. **Desconocida entrevista a John Huston rescatada por Mabuse en junio de 2007 con autorización de su autor**. Disponível em: <<http://www.mabuse.cl/entrevista.php?id=77898>>. Acesso em: 12 out. 2016.

MORINAKA, Eliza Mitiyo. O Projeto de Tradução do CIAA para a Literatura Brasileira: Redes e Funcionamento (1943-1947). In: ENTRAD: caderno de resumos / book of abstracts / Igor A. Lourenço da Silva (org.) et al. - Uberlândia : UFU, 2016, pp. 165 – 166.

PAES, José Paulo. **Tradução: a ponte necessária**. São Paulo: Ática, 1990.127p.

SILVA, Néelson do Valle; BARBOSA, Lígia de Oliveira. População e estatísticas vitais. In: IBGE. **Estatísticas do século XX**. Disponível em: <<http://seculoxx.ibge.gov.br/images/seculoxx/seculoxx.pdf>> Acesso em: 2 nov. 2015.

VERDUGO FUENTES, Waldemar. **María Luisa Bombal, una huella**. Santiago: Consejo Nacional de la Cultura y las Artes de Chile (Premio Escrituras de la Memoria 2011), 2013. 63p.

VERÍSSIMO, Erico. **Um certo Henrique Bertaso: pequeno retrato em que o pintor também aparece**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. 96p.